

**RESIDUALIDADE MEDIEVAL NO *MEMORIAL DE MARIA MOURA*: A PRESENÇA DO BEM E DO MAL NO IMAGINÁRIO DAS PERSONAGENS DA NARRATIVA**

**MEDIEVAL RESIDUAL VALUE IN *MARIA MOURA'S MEMORIAL*: THE PRESENCE OF GOOD AND EVIL IN THE IMAGINATION OF THE CHARACTERS IN THE NARRATIVE**

**Thaís Ferreira Barros<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7732-5802>

**Elizabeth Dias Martins<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7817-6749>

Enviado em: 11/11/2024

Aceito em: 20/01/2025

Publicado em: 08/02/2025

---

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal examinar *resíduos* medievais no *imaginário* das personagens de *Memorial de Maria Moura* (1992), romance escrito por Rachel de Queiroz. Esse *imaginário* polarizado é explicado pela presença dos padres, de origem europeia, no Brasil. Eles propagavam a fé cristã com a finalidade de aumentar o número de adeptos da religião católica. O referido *imaginário* é composto por dois planos que apresentam elementos *residuais* do Bem e do Mal. Representando o plano do Mal, analisamos resíduos da bruxaria medieval nos costumes dos residentes de um pequeno lugarejo ficcional nordestino. No plano do Bem, examinamos a presença de anjos associados à brevidade da vida de uma criança e à proteção da vida de pessoas que estão em perigo no lugarejo. Examinamos de que forma aconteceu o processo de aprendizagem das doutrinas católicas pelas personagens do *Memorial* utilizando a concepção básica de *resíduo* e os conceitos operacionais

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Comparada (PPGLetras) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural (GERLIC), do DGP-CNPq e Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [thaisfbarros@alu.ufc.br](mailto:thaisfbarros@alu.ufc.br)

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura Comparada (PPGLetras) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: [bethdias@ufc.br](mailto:bethdias@ufc.br)

denominados *endoculturação* e *imaginário*. Estes três conceitos são integrantes da *Teoria da Residualidade Literária e Cultural* que dialoga com diversas outras áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** Obra literária. Resíduo. Medieval. Imaginário.

**Abstract:** This article's main goal is to examine residues medieval in the imaginary Maria Moura's Memorial characters (1992), by Rachel de Queiroz. This polarized imaginary is explained by priests presence, who have European origins, in Brazil. They disseminated the Christian faith to increase followers of the catholic religion. The referred imaginary is composed by two plans that represents the residual elements in good and evil natures. Regarding the evil nature, we have analyzed residues of medieval witchcraft on traditions of the residents of a small village. Regarding the good nature, we have analyzed the presence of angels related to the brevity of a child's life and to safeguarding the life of endangered people. We examine in what way learning process of catholic doctrines by Memorial's characters, using the basic conception of residue and the operational concepts known as endoculture and imaginary. These three concepts are part of Literary and Cultural Residuality Theory that engage with many other knowledge areas.

**Keywords:** Literary work. Residue. Medieval. Imaginarium.

## Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o romance *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz. O *Memorial* conta a história de vida da protagonista Maria Moura, e de seus cabras, homens que andam munidos de armas pelo interior do sertão nordestino praticando assaltos. A protagonista da narrativa tem o sonho de chegar à “Serra dos Padres”, terra que foi herdada por ela do avô. A colonização desse espaço aconteceu por meio da chegada de padres da “companhia” propagadores dos preceitos católicos entre os povos indígenas<sup>3</sup> que já habitavam a referida terra. Os nativos obedeciam a liturgia dos ensinamentos recebidos, uma vez que observavam a obrigação do rito da missa, mesmo após a partida dos padres do local missionado.

Para analisar o plano benéfico, examinaremos as personagens da narrativa que têm crenças associadas aos anjos. No que se refere ao plano maléfico, examinaremos aquelas que não têm ligação com a religião católica, residentes num local denominado “as Bruxa”.

---

<sup>3</sup> Utilizamos, atualmente, os termos “povos indígenas” ou “indígenas” para nos referir, de forma respeitosa, aos primeiros nativos do Brasil considerando as sua diversidade e pluralidade cultural.

Para analisar o referido panorama polarizado entre forças do Bem e do Mal e como ocorreu a aprendizagem do gentio, destacamos o seguinte corpus: a endoculturação dos ensinamentos católicos; os anjos e a bruxaria.

Utilizaremos o método comparativo entre o referido corpus da obra e o imaginário católico em forma de resíduos medievais. Além da concepção básica de resíduo, lançaremos mão dos conceitos operacionais denominados imaginário e endoculturação. Estes referidos conceitos fazem parte da Teoria da Residualidade Literária e Cultural que foi sistematizada pelo Prof. Dr. Roberto Pontes.

### **Os Pressupostos Teóricos da Teoria da Residualidade Literária e Cultural**

A Teoria da Residualidade se estrutura e gira em torno dos seguintes conceitos operacionais: resíduo, mentalidade, imaginário, hibridismo cultural, endoculturação e cristalização. No entanto, no presente artigo, nos valeremos apenas dos conceitos denominados imaginário e endoculturação pelo fato do corpus da pesquisa exigir o uso desses dois operadores. A seguir, o sistematizador da Teoria explica em quais momentos isso pode acontecer:

Essas coisas podem ser investigadas tanto separadamente quanto em conjunto, porque uma implica na outra e ajuda a esclarecer ao mesmo tempo o objeto investigado. São o que em teoria chamamos de *conceitos operativos*, ou operacionais, isto é, indispensáveis à operação do conhecimento. (Pontes, 2006, p. 3)

A Teoria da Residualidade norteia como princípio a seguinte concepção básica sobre resíduo: “Resíduo é aquilo que remanesce de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura. O resíduo é dotado de extremo vigor. Não se confunde com o antigo” (Pontes, 2006, p. 3). É com base nessa conceituação que analisaremos os resíduos medievais do imaginário católico no *Memorial de Maria Moura*.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Partindo do entendimento da concepção básica de *resíduo*, temos que compreender também como esses substratos permaneceram durante longos tempos, atravessaram espaços e chegaram às terras brasileiras adaptando-se à cultura e à literatura local recebendo contribuição significativa de diversas partes do mundo. Podemos compreender esse processo a partir do seguinte percurso traçado pelo sistematizador da referida Teoria:

com os primeiros portugueses aqui chegados com a missão de firmar domínio do império luso nos trópicos americanos, não vieram em seus malotes volumes d'Os Lusíadas nem das Rimas de Luís de Camões, publicados em edição princeps apenas, respectivamente, em 1572 e 1595. Na bagagem dos nautas, degredados, colonos, soldados, e nobres aportados em nosso litoral, entretanto, se não vieram exemplares impressos de romances populares da Península Ibérica nem os provenientes da Inglaterra, Alemanha e França, pelo menos aqueles homens trouxeram gravados na memória os que divulgavam pela reprodução oral das narrativas em verso. Assim, desde cedo, e à mingua de uma Idade Média que nos faltou, recebemos um repositório de composições mais do que representativo da Literatura oral de extração geográfica e histórica, cujas raízes estão postas na Europa ibérica do final da Idade Média, justamente quando ganhavam definição as línguas românicas. (Pontes, 1999, p. 513)

A Teoria entende o conceito denominado *imaginário* como um conjunto de imagens que uma sociedade faz, no plano da imaginação, a partir de elementos da sua realidade, do seu tempo, do seu espaço e da sua cultura. Tomamos por base a seguinte passagem para nos aprofundarmos quanto a esse conceito:

imaginário pode ser definido como o repertório de imagens socialmente construído a respeito de diversos aspectos que compõem uma cultura e, nessa condição, os imaginários tanto representam, simbolicamente, os valores de uma sociedade quanto podem alterar o modo de viver de uma comunidade e funcionar, inclusive, como fator determinante na definição dos papéis sociais desempenhados por cada membro de um grupo. Este processo dialético assim ocorre porque o imaginário se arraiga numa realidade objetiva, em um dado sensível, construindo uma representação virtual no campo da imaginação, de modo que, o que é objetivo é transformado pela subjetividade. (Silva; Martins, 2020, p. 150)

Com base no que foi exposto, podemos compreender que o *imaginário* católico da Idade Média foi trazido para as terras brasileiras pelos europeus, no período da colonização, por meio das missões jesuíticas que tinham como principal objetivo conseguir novos adeptos para a religião católica. No trecho a seguir, temos o esclarecimento de como era formado o imaginário maniqueísta da Idade Média na análise comparativa levada a cabo entre a prostituta Judite e a virgem Maria, personagens da obra *Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, que diz respeito à cultura ibérica, mas vale para entendermos o mesmo processo posto em prática no Brasil:

O campo de guerra permanente armado entre Bem e Mal, Deus e Diabo, Cristo e Anticristo, anjos e demônios, todos, caracterizadores da concepção de mundo maniqueísta em voga na Idade Média, é o que podemos constatar nas páginas do romance [*Nome de Guerra*] em análise. Entre Judite e Maria há universos e concepções semelhantes aos que pontuam o imaginário relativo a Ave e Eva. (MARTINS, 2015, p. 75).

A religião católica já existia muito antes de nós. Na medida que vamos entrando em contato com as doutrinas dessa religião, assimilamos os princípios e rituais por meio do processo de endoculturação. É dessa forma que nos formamos culturalmente e literariamente. Sobre o referido conceito, o sistematizador da *Teoria* faz os seguintes esclarecimentos:

É que quando nascemos encontramos um mundo pronto: uma natureza preexistente desde bilhões de anos; homens que vão desaparecer no espaço de um século e outros que já desapareceram deixando rastros ou sem deixá-los; uma cultura (material e imaterial) que data de pelo menos quarenta mil anos. Pois bem, quando nascemos não inventamos nada. Aprendemos tudo. E o fazemos através da *endoculturação*, que consiste em assimilarmos a cultura existente antes de nós, a fim de que possamos sobreviver e sonhar. (PONTES, 2018, p. 17).

Podemos concluir, portanto, que a utilização dos conceitos denominados imaginário e endoculturação serão essenciais para estabelecer a comparação entre o corpus da obra literária e o imaginário de cunho católico. A aplicação dos referidos

operadores da Teoria nos ajudará a compreender como os resíduos medievais chegaram e se difundiram no imaginário dos personagens da narrativa.

## **O Processo de Endoculturação de Resíduos Medievais pelas Personagens da Narrativa**

A história da colonização do Brasil foi marcada por diversos aspectos como: o aumento de adeptos da religião católica, a catequização realizada por padres e jesuítas, o período da escravidão<sup>4</sup> e a presença de europeus. A seguir, transcrevemos uma síntese do início da história do Brasil no tempo das descobertas:

A época das descobertas caracterizara-se pela religiosidade acerbada, o próprio descobridor da América, como se sabe, pensando seriamente na possibilidade de usar o ouro americano numa cruzada contra o Infiel. Para Colombo, poder-se-ia dizer que foram três os motivos das navegações: o humano, o divino, o natural. Componentes do universo mental, nunca estiveram isolados uns dos outros em uma mantendo entre si uma relação constante e contraditória: na esfera divina, não existe Deus sem o Diabo; no mundo da natureza, não existe Paraíso Terrestre sem inferno; entre os homens alternam-se virtude e pecado. (Souza, 1986, p. 29)

A história da colonização da “Serra dos Padres” é muito importante para a nossa análise pois demonstra diversas semelhanças com a história da colonização do Brasil que foi marcada por conflitos entre os europeus e os povos indígenas. Vejamos o trecho

---

<sup>4</sup> Esta nota tem o intuito de corrigir o uso do termo "escravo" no artigo "Resíduos da Cavalaria Medieval no Memorial de Moura", publicado em 2021, na revista *Decifrar*. Atualmente, esse termo está em desuso e o modo correto de mencionar os povos africanos que foram, infeliz e arduamente explorados em Terras americanas é "escravizado". Além disso, o termo "índio", presente nas passagens citadas do romance, nesse mesmo artigo, se deve ao ano da primeira publicação da obra que foi em 1992, apesar de o termo permanecer na edição citada de 2005.

Acrescentamos à nota a justificativa de que a presença do termo "escravo", na citação do romance *Memorial de Maria Moura* do artigo "Os resíduos do 'mito da Donzela-Guerreira' no *Memorial de Maria Moura*", publicado por nós em 2022, na revista *Letras Escreve*, acontece por causa do ano da escrita da obra literária que foi em 1992, permanecendo também na edição de 2005. Adicionamos a essa observação a troca do termo "escravidão dos negros", na página 67 desse mesmo artigo, por "período histórico da escravidão dos povos africanos no Brasil" com a intenção de nos referir, com respeito, aos povos africanos que sofreram durante esse amargo período histórico do Brasil.

a seguir que evidencia a presença dos primeiros nativos na referida serra do *Memorial* com uma quantidade deles bastante considerável:

O Avô tinha mandado na frente uns espias, que lhe trouxeram as más notícias. Ele deixou então a tropa arranchada no mato e foi em pessoa ver o que havia. Tinha lá mais de cinquenta índios<sup>5</sup>, sem contar mulher e criança. O Avô procurou o tal do Sandoval, sem dizer pra ele que era o dono da terra. Inventou que ia de viagem para o sertão de Goiás. Sandoval não dava cara de querer briga — e se os índios queriam, o Avô nunca soube por quê, se ouviu Sandoval falando com eles, não entendeu nada. (Queiroz, 1992, p. 80)

Na chamada “Serra dos Padres” os sacerdotes da companhia propagaram a fé cristã por meio dos rituais católicos denominados “missas”. Os povos indígenas que as assistiam continuavam a praticá-las mesmo na ausência dos padres, o que indica que houve um processo de *endoculturação* religiosa. Destacamos na passagem a seguir o local denominado “Casa de Oração”, localizada em Jeremoabo, que funcionava como um espaço de abrigo, oração e propagação da fé cristã por padres:

E quando a aldeia acabou deserta, quer de padre, quer de índios, começou a se espalhar a lenda de um tesouro que o derradeiro padre tinha enterrado debaixo do altar na capelinha. Foi atrás disso que chegaram os primeiros invasores, escavacaram tudo e não encontraram nada. E nem podiam encontrar, dizia o avô, porque o tesouro dos padres — frascos de ouro em pó, cálices e ostensórios de prata e ouro — tinha sido enterrado, sim, mas na Casa de Oração de Jeremoabo. Lá é que era a sede dos padres, antes da deportação. Muita gente, até mesmo o Avô, chegou a sonhar com esse “haver encoberto” (era assim que ele dizia). E os que viram o tesouro nos sonhos falavam que era exatamente igual ao que se contava do ouro em pó e dos vasos sagrados. (Queiroz, 1992, p. 22)

Para os missionários, levar a fé cristã ao “Novo Mundo” significava “levar a salvação das almas”. Quando chegaram em nossa terra, inicialmente, as crenças indígenas foram consideradas por eles como práticas não-cristãs, isto é, associadas ao plano diabólico. Cabia aos missionários, portanto, fazer os povos indígenas

---

<sup>5</sup> Esse termo está presente na obra literária *Memorial de Maria Moura* porque foi escrita no ano de 1992. Alguns termos ou expressões nessa citação e em outras fontes encontram-se, atualmente, desatualizados.

acreditarem que a religião católica iria salvá-los. Diante disso, podemos perceber que se instalava na Colônia um clima de polarização de forças. A seguir, vejamos mais esclarecimentos sobre a intenção e os objetivos de expandir a fé católica no Novo Mundo:

Se para o Novo Mundo deslocaram-se projeções do imaginário europeu, se a expansão da fé e colonização caminharam juntas, nada mais natural que o descobridor da América fosse também o seu primeiro "edenizador". Soldado de Cristo, considerava a salvação das almas. Ora, para justificar a necessidade da cristianização, havia que denegrir os homens autóctones. Denegrindo-os, estava justificada a escravização. Colombo inaugurou assim um movimento duplo que iria perdurar por séculos em terras americanas: A edenização da natureza, a desconsideração dos homens - bárbaros, animais, demônios. (Souza, 1986, p. 36).

Ressaltamos que a expansão da fé cristã continuava a ser propagada por padres e beatos da própria região da Colônia. Os beatos, mais especificamente, propagavam a fé de maneira informal no Nordeste do Brasil. Dessa forma, percebemos que havia uma continuidade na promoção da religião por aqueles que assimilavam os conhecimentos trazidos pelos europeus. Na passagem a seguir podemos notar que o Beato tinha posse de um "santuário doutrinal". Além desse breviário, o Beato também fazia outras leituras de origem europeia. Por meio dessas leituras acontecia a assimilação e a posterior propagação de conhecimentos católicos em forma de *resíduos* medievais:

Durante a minha inteira temporada no Bom Jesus, uma única vez consegui pôr as mãos num jornal do Rio de Janeiro. Um Jornal do Commercio, preciosidade que passara por não sei quantas outras mãos, até chegar a nós. Dava notícias da saúde do jovem Imperador, das manobras da tropa de linha; da ópera cantada por uma soprano italiana que arrasava corações, na Corte. "O espetáculo será honrado com a presença de Sua Majestade e Suas Altezas Imperiais." Parecia novidade vinda de um mundo tão distante quanto o da vida gloriosa dos meus santos, no *Santuário doutrinal*. (Queiroz, 1992, p. 204)

A personagem José Maria, antes de virar "Beato Romano" teve uma história muito difícil por se envolver romanticamente com Dona Bela, esposa de Anacleto. Após matar Anacleto em uma discussão sobre o descobrimento da gravidez de Dona Bela,

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

José Maria foge pelas estradas do sertão tentando se esconder para não ser reconhecido. Ele passa breves estadias em diversos povoados. Na passagem abaixo, temos acesso aos conhecimentos do padre com relação à geografia da Europa, o que evidencia o largo conhecimento europeu desse personagem que se torna fundamental para a propagação da fé cristã no romance em análise:

Na casa dos Nogueira eu voltara a ser um homem. Em frente, todos os novos caminhos para mim eram um mistério. Na escola eu tinha estudado os mapas da França, de Portugal, da Terra Santa. Mas aquele grande sertão, diante de mim, nunca vi mapa que o retratasse. Era como se eu avançasse por sobre as águas do mar. Tudo igual, sem horizonte. (Queiroz, 1992, p. 188)

Por intermédio do processo contínuo de expansão da fé cristã os resíduos da Idade Média, de cunho católico, se consolidavam no imaginário das personagens da narrativa. Os homens de Maria Moura assimilavam os conhecimentos do Beato Romano que foram adquiridos por meio de leituras e conhecimentos religiosos através de livros. Analogamente ao Beato Romano, os colonizadores vieram para a América eivados de resíduos cujo repertório era medieval. Por meio da leitura da passagem em sequência, podemos conhecer o repertório de conhecimentos que constavam no imaginário desses colonizadores:

Todo um universo imaginário acoplava-se ao novo fato, sendo, simultaneamente, fecundado por ele: os olhos europeus procuravam a confirmação do que já sabiam, relutantes ante o reconhecimento do outro. Numa época em que ouvir valia mais do que ver, os olhos enxergavam primeiro o que se ouvira dizer; tudo quanto se via era filtrado pelos relatos de viagens fantásticas, de terras longínquas, de homens monstruosos que habitavam os confins do mundo conhecido. (Souza, 1986, p. 21-22)

No *Memorial* em análise, a alfabetização foi meio bastante propício para a assimilação dos conhecimentos em forma de resíduos medievais. No lugarejo denominado “as Bruxa” o personagem José Maria passa uma breve temporada

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

alfabetizando as crianças. Podemos verificar a passagem a seguir, o momento em que Seu Franco comunica a todos a decisão de José Maria ser o professor dos pequenos:

À noite, Seu Franco convocou uma reunião, em frente à casa dele. Veio muita gente, até me admirou. E ele fez um discursinho:  
— O pessoal das Bruxa continua cada vez mais burro e ignorante! Esses meninos são mesmo uma vergonha!  
Uma das mães interrompeu:  
— E que é que tem se eles é assim? Nós também somo bruto!  
E um pai:  
— A mim, nunca ninguém me ensinou nada. Por que eles, agora?  
Seu Franco se levantou, danado da vida:  
— Pois agora vai ter quem ensine: é este professor! Já falei com ele. A escola vai ser na casa da viúva do Zefe. (Queiroz, 1992, p. 278-279)

O personagem Beato Romano ficou surpreso com as crendices e os costumes das pessoas daquele lugarejo durante o convívio. Na passagem anterior, podemos perceber que inicialmente as crianças não queriam um professor. Diante disso, podemos perceber que a expansão da fé cristã nesse acanhado lugar não foi tão fácil e se assemelha à evangelização da fé cristão no meio rural no período do medievo:

Graças a essa espiritualidade vigorosa, a Ordem Beneditina conheceu até o século XII imenso sucesso e cumpriu um papel de primeiríssima. Por exemplo, a evangelização da zona rural. Desde o século III ocorria a forte expansão do cristianismo nas cidades, onde a crise do Império Romano era mais sentida e, portanto, as condições para cristianização mais favoráveis. O campo, sempre mais conservador ou, mantinha-se preso às suas antigas crenças, mesmo pré-romanos, daí paganus (“camponês”) o tecido identificado a não-cristão. (Franco Júnior, 1988, p. 112).

A alfabetização é de extrema importância para a aprendizagem dos conhecimentos cristãos, pois é por meio das leituras bíblicas que os novos adeptos podiam ter acesso aos elementos residuais do imaginário europeu. Por intermédio do conhecimento bíblico os colonizados sabiam quais elementos estavam associados a Deus e quais estavam associados ao Diabo. Dessa forma, os novos cristãos tinham a

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

noção do que haviam de fazer para não serem condenados eternamente. Nas linhas abaixo, temos uma explanação sobre a força da Igreja, no período medieval:

A Igreja – esse Estado que se fortalece a par dos reinos e dos principados, erigindo os emblemas da sua força, as catedrais, a polifonia que enche por completo as naves – acha que deve manter cativos os seus súbditos pelo sentido do pecado. Pela ameaça do inferno e dos castigos purgatórios. Daí a pressão, cada vez mais forte, sobre as representações da organização social que emana das gentes da Igreja, de uma definição, de uma classificação das intenções pecaminosas. Os critérios de culpa substituem-se, insensivelmente, aos critérios funcionais. (Duby, 1994, p. 342).

Diante do panorama analisado, podemos concluir que houve assimilação dos princípios religiosos, em forma de resíduos medievais, pelas personagens da narrativa. A presença de padres na “Serra dos Padres” foi fundamental para o início da difusão da fé cristã no referido local. O personagem José Maria também foi um elemento primordial para que o processo de aprendizagem das personagens pudesse ocorrer por meio das leituras bíblicas.

### **O Polo Benéfico: A Presença de Anjos no Imaginário das Personagens em Forma de Resíduos Medievais**

O plano benéfico é composto por elementos que estão associados a Deus. A presença de anjos é constantemente mencionada pelas personagens populares da narrativa. É com base nesse panorama que começaremos a explorar o plano benéfico na narrativa do *Memorial de Maria Moura*.

Cirino, personagem que se envolve amorosamente com Maria Moura, trai a confiança da protagonista quando pega o “Peba Preto”, mais um homem que estava sob a proteção dela. Cirino entrega o velho para os seus inimigos apodados “o pessoal do Bacamarte” em troca de dinheiro. No entanto, a entrega não teve êxito e Cirino acabou por ser preso. Nesse momento de aflição, podemos constatar a presença de anjos no *imaginário* das personagens populares que estavam acompanhando Cirino

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

quando acreditaram que não tinham sido mortos a tiros por causa da proteção desse elemento mítico sagrado associado ao plano benéfico:

O velho se buliu um pouco, mas continuou deitado, meio encolhido, com certeza sem força pra se sentar. E os homens preocupados com o velho, foram se chegando para a rede; se discuidaram da gente. Nós aí aproveitamos (só de ver os soldados a gente não estava gostando — ninguém de nós aprecia soldado!), demos a meia-volta e nos metemos pelo mato, que era grosso do outro lado da estrada. Quando eles deram fé, a gente já tinha tomado distância. Um soldado ainda deu um tiro na nossa direção. Mas ou não tinha pontaria, ou foi o anjo da guarda que nos valeu. Afinal, tanto o Muxió quanto eu, se era inocente de tudo. (Queiroz, 1992, p. 410)

A presença de anjos no imaginário das personagens se faz presente de forma residual. Esse resíduo foi trazido pelos europeus e introduzido no imaginário dos colonos associando os anjos à capacidade de guarda e proteção. A seguir, temos mais explicações sobre a relação entre o homem medieval e os anjos:

O homem medieval viveu sob o olhar e em companhia dos anjos. A figura celeste aparece não somente nos textos teológicos, místicos, nos relatos das visões, das vidas de santos, nos sermões ou nas coletâneas de milagres, mas também numa iconografia superabundante. Tal onipresença é, sem dúvida alguma, uma das características maiores do cristianismo medieval. Já se disse que a filosofia moderna começou no momento em que os filósofos deixaram de falar de anjos. As datas tradicionais de início e de fim da Idade Média coincidem aproximadamente com os marcos da história da angelologia e enquadram os momentos mais notáveis da presença angélica no Ocidente. (Faure, 2002, p. 69)

Antonio Muxió chega à fazenda de Maria Moura para fazer uma proposta que iria beneficiar tanto ela quanto ele, segundo diz. Antes de apresentar a proposta, conta uma história em que ele e seus companheiros roubaram diversas cabeças de gado, venderam-nas e ficaram com muito dinheiro. No entanto, vieram a ser descobertos pela polícia quando estavam dormindo e foram presos. Inconformados, começaram a pensar numa alternativa de fuga. Quando conseguiram sair da cadeia, passaram na casa de uma ex-companheira de Raimundim, um dos capangas de Antonio Muxió. Ela teve uma rápida relação com Raimundim, o que acabou por gerar um filho. Mas,

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

infelizmente, a criança faleceu muito cedo. Na passagem a seguir, podemos perceber a associação da criança morta com um anjo:

A sorte é que aquela cadeia estava mesmo em petição de miséria, parede toda rachada. Na noite combinada foi fácil. Com uma ponta de ferro nós abrimos um buraco, tirando uns dez tijolos, que deu para passar o bando todo, de um em um. Encostados nos muros, na sombra da rua escura, conseguimos chegar na casa de uma conhecida do Raimundim, um dos nossos companheiros. Essa mulher era boa gente, já tinha tido um filho com o Raimundim, só que o menino morreu; mas apesar do anjo ter ido embora, ela continuava com a amizade. (Queiroz, 1992, p. 326)

O personagem, na passagem anterior, associa a figura do anjo à pureza e inocência de uma criança que não teve longo período de vida. Dessa forma, podemos perceber que a figura angelical foi associada a características benéficas. Pelo fragmento abaixo, podemos compreender como a figura angelical era associada ao plano benéfico durante a Idade Média:

A onipresença da figura angélica na Idade Média não significa, no entanto, uniformidade. A existência de uma tradição angelológica fundadora implica, sim, uma permanência dessa figura, mas a extensão de seu campo e suas modalidades variaram evidentemente durante esses mil anos de história do cristianismo. Ora, a avaliação da temática angélica, de seu papel, de sua evolução e de seus modos não foi objeto de um estudo global de ordem histórica e antropológica. Mesmo a própria história da espiritualidade quase não se interessou pela angelologia cristã. (Faure, 2002, p. 69-70)

Apesar da grande variação da imagem dos anjos durante o período da Idade Média, ela ficou consolidada no *imaginário* popular como ser sobrenatural que detém grandes poderes. Essa imagem (de crença no anjo) foi repassada ao longo dos séculos chegando ao Brasil por meio do processo de catequização.

## **O Polo Maléfico: Resíduos da Bruxaria Medieval no Imaginário das Personagens**

Nesta seção, analisaremos como se configura o *imaginário* das personagens quando nos referimos ao plano maléfico. A seguir, temos o pequeno povoado de nome “as Bruxa” habitado por pessoas que não tinham o catolicismo como religião. Os residentes locais viviam segundo as “leis dos bodes”, um animal bastante associado à imagem Diabo. A seguir, temos a descrição do pacato lugar pelo informe do Beato Romano:

Para minha admiração, chegando na tal de ‘as Bruxa’, vi que o lugar era muito mais habitado do que me tinham dado a entender os falatórios. Na rua única, no meio dos barracos de palha e das casas de taipa, se levantavam também três casas de alvenaria, oitão alto, sem alpendre nem varanda à frente. Pela rua de barro esburacado, havia gente; e o que vi logo foi um bando de crianças agachadas ao redor de quatro meninos, ocupados num jogo. Usavam de pedras pequenas, do tamanho de castanhas de caju; com a mão rente ao chão, atiravam as pedras para o alto e procuravam recolher essas pedrinhas na volta, antes que caíssem. (Queiroz, 1992, p. 273-274)

O local faz menção às “Bruxa” que é um elemento *residual* do *imaginário* europeu. A bruxaria foi bastante condenada e perseguida durante o período da Idade Média com o movimento denominado “caça às bruxas” e com a Inquisição a posteriori. A seguir, podemos entender o motivo pelo qual as bruxas foram associadas ao plano diabólico desde aquela época:

É em meados do século XI que a imagem da bruxa começa a habitar o imaginário europeu, e a aversão às mulheres, assim como o rígido controle sexual, trazem à tona uma figura mitológica que voa pelos céus à noite, revivendo o mito de mulheres que compactuavam com o demônio. (Monteiro; Martns, 2014, p. 8).

Durante a estadia “nas Bruxa” o Beato conheceu a história, os costumes e as crendices dos lá residentes. É importante enfatizar que eles não tinham nenhuma

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

ligação com os costumes da Igreja católica. A seguir, podemos verificar que um dos costumes era o das relações conjugais entre membros da mesma família cujos descendentes tinham morte rápida ou nasciam com deformações:

O pior, naquela vida vazia, era não ter ninguém com quem falar. O próprio Seu Franco, que sempre mostrou interesse por mim, não sabia nada do presente e não se lembrava quase nada do passado. Era ‘fraco de memória’, como se queixava. Com os outros, mais novos do que ele, era ainda pior. E não só se perdia cedo a memória, também se morria cedo, nas Bruxa. Nascia muita criança defeituosa, ‘criança boba’, eles diziam, que mal aprendia a falar, e não tomava tenência da vida, ao virar gente grande. Segundo a velha parteira, da geração de Seu Franco, isso seria devido a tanto se casar prima com primo. Será? (Queiroz, 1992, p. 309).

Devemos atentar que os residentes do lugarejo são pessoas do meio popular. Durante a colonização, havia uma discrepância significativa entre o alto clero e a população que não tinha oportunidade de acesso à formação religiosa. Desse modo, as camadas populares da sociedade cultivavam crenças que não seguiam os preceitos cristãos, sendo por isso consideradas “grosseiras”. Essa situação é semelhante à do Beato com os moradores “das Bruxa”. O Beato representa o alto clero medieval, enquanto as camadas populares são representadas pelos referidos moradores. Agora, podemos verificar como a religiosidade popular era vista no período colonial:

Até relativamente pouco tempo, a história da Igreja era identificada com as elites eclesiásticas quando a preocupação central era com as instituições clericais, com o pensamento oficial da Igreja e com seus altos dirigentes. A espiritualidade e a sensibilidade dos fiéis quase sempre ficavam à margem, opondo-se a religiosidade popular, vista como grosseira e cheia de superstições, à dos clérigos. (Franco Júnior, 1988, p. 107).

Concluimos a presente seção sublinhando a evidência da presença de resíduos da bruxaria medieval no imaginário das personagens populares da narrativa, mais especificamente no lugarejo denominado “as Bruxa”. Esses resíduos foram considerados pelo personagem Beato Romano como maléficos, uma vez que não

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

seguiam as doutrinas cristãs. O entendimento nesse sentido pelo Beato aconteceu devido à sua formação religiosa, que se pautou pela catequese cristã.

## Conclusão

Com base no que foi analisado, concluímos que há resíduos medievais do imaginário católico presentes na cultura e em obras literárias brasileiras como nas páginas do *Memorial de Maria Moura* ora examinado.

A história da colonização do Brasil nos explica como tais *resíduos* chegaram aqui. O processo residual ficou evidenciado na obra literária em análise por meio do processo de colonização, e nela consta a presença de eclesiásticos da “companhia” na “Serra dos Padres”. Além da presença destes, os ensinamentos do Beato Romano foram fundamentais para a propagação da fé cristã estereotipada no momento da alfabetização de crianças.

Investigamos, ainda, que o imaginário medieval está presente de forma polarizada. De um lado, identificamos resíduos pertencentes ao plano benéfico e, do outro, resíduos associados ao plano maléfico.

A presença de anjos no imaginário das personagens populares do Memorial está representando o plano benéfico. Esses elementos foram associados à proteção da vida de pessoas que correm riscos na vida, sobretudo o de morte. Também o mesmo se dá no concernente à brevidade da vida de crianças falecidas prematuramente. No nosso estudo, verificamos que a associação do elemento anjo ao plano benéfico é residualmente medieval.

Já no plano maléfico, identificamos e examinamos elementos residuais da bruxaria no que se refere aos costumes praticados no local por nome “as Bruxa”. Constatamos, por fim, que a bruxaria, historicamente, ficou associada ao Mal devido ao movimento persecutório de “caça às bruxas” que tinha como objetivo condenar pessoas suspeitas de terem celebrado, de algum modo, um pacto com o demônio.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

## Referências

- AMALVI, Christian. Idade Média. Trad. José Carlos Estêvão. LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean Claude. In: *Dicionário Temático Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 537-551.
- ARNALDI, Girolamo. Igreja e papado. Trad. Daniel Valle Ribeiro. LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean Claude. In: *Dicionário Temático Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 567-589.
- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BOUREAU, Alain. Fé. Trad. José Carlos Estêvão. LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean Claude. In: *Dicionário Temático Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 411-422.
- BRITO, Maria Cristina Souza. Atualização do demônio medieval no Fausto de Fernando Pessoa. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Atas III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999. P. 534-538.
- DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2. Ed. Paris: Editorial Estampa, 1994, 383p.
- FAURE, Philippe. Anjos. Trad. José Carlos Estêvão. LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean Claude. In: *Dicionário Temático Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 69-81.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Trad. Marcos de Castro, 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

- MARLYSE, Meyer. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MARTINS, Elizabeth. Judite: resíduos de um nome. In: PONTES Roberto; MARTINS Elizabeth Dias. (Orgs.). *Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 73-81.
- MONTEIRO, Romildo; MARTINS, Elizabeth. Resíduos da Bruxaria Medieval em “A feiticeira”, de Inglês de Sousa. *Darandina*, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2014.
- PONTES, Roberto. Residualidade e mentalidade trovadoresca no Romance Clara Menina. In: TAVARES, Maria do Amparo (org.). *Atas III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999, p. 513 – 516.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira*, em 05/06/06. Fortaleza: (digitado), 2006.
- \_\_\_\_\_. A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade.
- PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias. (orgs.). *Residualidade e intertemporalidade*. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- SCHMITT, Jean-Claude. Feitiçaria. Trad. Mário Jorge da Motta Bastos. GOFF Jacques Le; SCHMITT Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 423-436.
- SILVA, Francisca Yorranna da.; MARTINS, Elizabeth Dias. Residualidade: uma leitura a partir de Lavoura Arcaica. *Decifrar, Amazonas*, v. 7, n. 14, p. 140-159, 2020.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.